REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e113026

A Etnomatemática que transborda da tela: uma vivência com Vídeos Digitais

Edjane dos Santos Gomes
Irará, Bahia, Brasil
saintedjane14@gmail.com
Mestranda em Ensino de Matemática
Universidade Estadual de Feira de Santana
https://orcid.org/0009-0003-0840-152X

Veio lá de Irará,
De uma rede social
uma história a contar,
Terra, Território e cultura,
Uma nova crônica anunciar
Da Etnomatemática,
Há Transdisciplinaridade,
Em todo lugar.

Tudo começou quando um amigo soube da minha aprovação no mestrado em Ensino de Matemática. Ele conhecia minha orientadora e me disse que o Marcelo Borba foi o orientador dela no doutorado, que estava com inscrição aberta para um minicurso de Vídeos Digitais. “Amiga, seria uma boa ideia tu participar”.

Logo que o link abriu, fui lá, me inscrevi e, para minha surpresa, fui selecionada.

Na reta final de março, começaram os encontros online. Aquela câmera ligada parecia uma pequena janela aberta para diferentes cantos do Brasil. Marcelo Borba se apresentou junto ao grupo organizador, mas o que mais me chamou atenção não foi apenas quem conduzia o curso, era quem ocupava aquele espaço virtual.

CC BY

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e113026

Tinha gente de aldeia indígena, de comunidades quilombolas, de movimentos culturais, professores, pesquisadores, estudantes. A tela do computador já não parecia somente tela, parecia território.

Logo na primeira aula no espaço virtual, uma nuvem de palavras foi criada: entre "Boas-vindas" apareceram palavras como Negro, Território, Comunidade Quilombola de Veredinha Cocha, Xavante, Povo Indígena Krahô, Aldeia Manoel Alves, Zambiapunga de Nilo Peçanha-BA, entre outros.

Ali compreendi que aquele minicurso não seria apenas sobre edição de vídeo.

Era sobre presença.

Em outro momento, surgiu a pergunta: "Qual etapa da produção de vídeos você considera mais difícil?" As respostas foram aparecendo rapidamente: roteiro, criatividade, filmagem, aplicativos, edição. Quando o gráfico apareceu na tela, percebi que muitos de nós compartilhávamos o mesmo receio silencioso diante da edição.

Engraçado pensar nisso. Tanta gente acostumada a resistir, ensinar, pesquisar, atravessar distâncias, mas ainda insegura diante de um botão de cortar vídeo.

Talvez porque editar vídeos seja também editar memórias.

E na produção do vídeo o primeiro passo é o planejamento ou seja:

Criar um roteiro.

Qual o público alvo?

Qual assunto irá abordar no vídeo?

Decidir o conteúdo, a ideia, o objetivo.

Roteiro com início, meio e fim.

Entre uma conversa e outra, fomos aprendendo sobre roteiro, enquadramento, imagens e planejamento. "Todo vídeo começa antes da câmera", alguém comentou. E eu fiquei pensando nisso durante dias.

Porque, talvez, toda história também comece antes da palavra.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e113026

Nos grupos de produção, surgiu a proposta de criar um vídeo dentro da temática do Festival de Vídeos Digitais e Educação Matemática. Meu grupo decidiu falar sobre a feira livre do interior da Bahia. Sem hesitar, escolhi trazer a Feira Livre de Irará.

Falar da feira era, de algum modo, falar de mim também.

Irará foi fundada em 1842, o nome do município tem origem numa palavra da língua Tupi que designa uma espécie de formiga de asas brancas semelhante aos cupins. É uma alteração de "arará", que significa nascida da luz do dia, pois estas formigas surgem à luz do dia. A feira de Irará também nasce assim: quando o dia clareia.

Antes mesmo do sol aquecer as ruas, as barracas começam a surgir na Praça da Purificação. Barraca sendo montada, vozes se cruzando, cheiro de tempero fresco, frutas espalhando cor, chapéus de palha pendurados, sacos de farinha, panela de barro. Tudo pulsa.

A matemática estava no litro de farinha, na dúzia das bananas, na espiga do milho quando um vendedor grita: “É três por dez, freguesa.”.

E no meio daquela movimentação inteira, lá estava ele: o beiju.

Não apenas alimento.

Memória.

Resistência.

Patrimônio.

O beiju vendido na feira carrega as mãos de mulheres quilombolas da comunidade Tapera Melão. Mulheres que transformam mandioca em alimento, mas também transformam história em resistência. Enquanto editava as imagens para o vídeo, comecei a perceber quantas matemáticas existiam naquele espaço sem nunca terem precisado de quadro branco.

Na feira, não só o beiju estava presente na banca da beijuzeira, mas também outros derivados da mandioca como a bolachinha de goma e a tapioca fresca. Entre o movimento das barracas, escutava-se: “Qual o preço da tapioca?” E logo vinha a resposta: “nove reais o

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**
v. 2026, n.
e113026

pacote com um quilo". Entre preços, medidas e negociações, a matemática surgia naturalmente no cotidiano da feira livre.

As medidas, o cálculo mental, o diálogo na hora da compra, o troco. Está na geografia do espaço, na ancestralidade do saber, na ciência do alimento da terra, brota a etnomatemática transbordando saberes.

Voltando para as aulas no espaço virtual, o último encontro também foi um momento de despedida. Mas uma despedida daquelas que transcendem a tela. Foram apresentadas produções de vídeos digitais sobre feira livre, povos tradicionais e povos originários, revelando a riqueza cultural do nosso país.

Não era apenas uma produção de vídeo: era uma mostra de resistência, ancestralidade e memória.

E talvez a Transdisciplinaridade esteja justamente nisso: quando percebemos que matemática, cultura, território, história e vida caminham juntas, mesmo quando o mundo insiste em separá-las.

REVISTA / JOURNAL ISSN: 2965-8799
***e*-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis**

v. 2026, n.
e113026

A Etnomatemática que transborda da tela: uma vivência com Vídeos Digitais

Ethnomathematics overflowing from the screen: an experience with Digital Videos

La Etnomatemática que desborda de la pantalla: una vivencia con Videos Digitales

Resumo

Esta crônica apresenta uma vivência em um minicurso de Vídeos Digitais voltado aos Povos Originários e Tradicionais, articulando Etnomatemática e Transdisciplinaridade. A narrativa parte da participação em encontros online promovidos pelo Festival de Vídeos Digitais e Educação Matemática e da produção de um vídeo sobre a Feira Livre de Irará-BA. Entre barracas, beiju, ancestralidade e práticas cotidianas, emergem saberes matemáticos presentes nas experiências de mulheres quilombolas da comunidade Tapera Melão. A crônica evidencia como cultura, território, memória e matemática transbordam para além da tela, revelando outras formas de produzir conhecimento.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Vídeos Digitais. Feira Livre. Ancestralidade.

Abstract

This chronicle presents an experience in a mini-course on Digital Videos aimed at Indigenous and Traditional Peoples, articulating Ethnomathematics and Transdisciplinarity. The narrative stems from participation in online meetings promoted by the Digital Video and Mathematics Education Festival and the production of a video about the Irará-BA street market. Among stalls, beiju (a type of flatbread), ancestry, and everyday practices, mathematical knowledge emerges from the experiences of quilombola women from the Tapera Melão community. The chronicle highlights how culture, territory, memory, and mathematics overflow beyond the screen, revealing other ways of producing knowledge.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Digital Videos. Street Market. Ancestry.

Resumen

Esta crónica presenta una vivencia en un minicurso de Videos Digitales dirigido a pueblos originarios y tradicionales, articulando Etnomatemática y Transdisciplinariedad. La narrativa surge de la participación en encuentros virtuales promovidos por el Festival de Videos Digitales y Educación Matemática y de la producción de un video sobre la feria libre de Irará, Bahia. Entre puestos, beiju, ancestralidad y prácticas cotidianas, emergen saberes matemáticos presentes en las experiencias de mujeres quilombolas de la comunidad Tapera Melão. La crónica evidencia cómo cultura, territorio, memoria y matemática transbordan más allá de la pantalla, revelando otras formas de producir conocimiento.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Videos Digitales. Feria Libre. Ancestralidad.